

Poder, sentimento e terror na literatura de George Orwell

Claudio Marcio Coelho¹



Fonte: <http://www.english-blog.com/archives/2012/02/georgeorwells1984.php>

Acesso: 27 de maio de 2012

*“Quem controla o passado, controla o futuro...
Quem controla o presente, controla o passado.”*

George Orwell, “1984”

O escritor inglês George Orwell (1903-1950) alcançou reconhecimento mundial ao escrever duas obras marcantes: *A revolução dos bichos* (1945) – sátira ao regime comunista na qual o autor retrata alegoricamente a “revolução traída”, e defende a tese de que aos golpes de Estado segue-se uma tirania reacionária que age em nome dos ideais revolucionários – e *Nineteen eighty four* (1948, 1949) – ficção e visão da sociedade mundial no ano de 1984, controlada pelo Ingsoc (Sistema Socialista Inglês) e marcada pelo controle totalitário das atividades humanas em todas as instâncias (intelectuais, sociais, emocionais, sexuais...).

¹ Doutorando em História Social das Relações Políticas do PPGHIS – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: claudiomarciocoelho@gmail.com
Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias.
Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

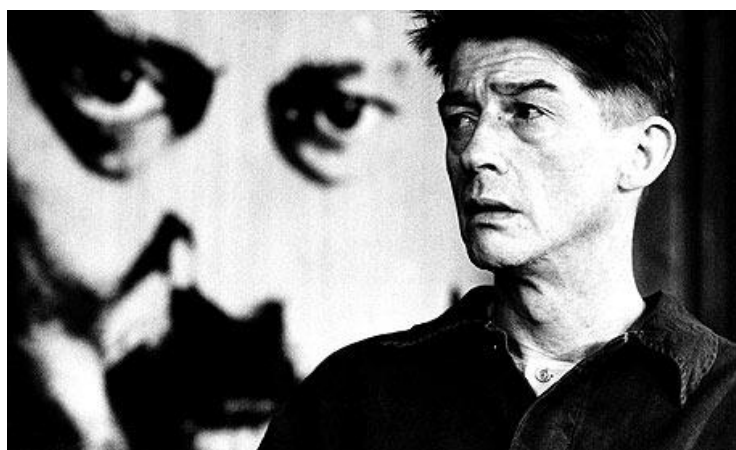
Seguindo a tradição dos grandes escritores, Orwell compreende perfeitamente o papel dos *sentimentos* nas relações, seja na esfera subjetiva ou nas macroestruturas políticas e sociais: os *sentimentos* penetram todas as relações humanas.



Fonte: <http://leianatela.blogspot.com.br/2011/05/1984-george-orwell-livro-em-pdf.html>

Acesso: 27 de maio de 2012

Na obra *Nineteen eighty four* [1984], o autor apresenta uma ficção surpreendente acerca da vida do operário Winston Smith. Suas angústias, medos e sonhos são revelados em contradição com a tirania e o controle das ideias, dos *sentimentos* e dos comportamentos. Mas este totalitarismo é sempre amenizado pela falsa certeza de que “O Grande Irmão zela por ti” – frase emblemática estampada em cartazes aficcionados em todos os espaços públicos, e amplamente difundida nos sistemas de controle do partido.



Fonte: <http://www.guardian.co.uk/technology/2009/jul/22/kindle-amazon-digital-rights>

Acesso: 27 de maio de 2012

A ficção se passa em Londres, controlada pela Ingsoc, que instaura o lema: “Guerra é paz, Liberdade é escravidão, Ignorância é força”. Quatro ministérios foram criados para garantir a absoluta realização destes princípios. O Ministério da Verdade tem como objetivo principal a falsificação cotidiana do passado para adequá-lo às previsões do partido e sua coerência com os acontecimentos do presente: “Quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado”². O Ministério do Amor, criado para a espionagem e a repressão, através da tortura física e psicológica, dos que resistem ao controle. O Ministério da Paz possui a missão de manter o estado de guerra. O Ministério da Fartura deve manter a fome, pois a guerra e a fome funcionam como mecanismos de dominação e manipulação das massas.

Numa sociedade marcada pela “uniformidade” e pela “solidão”, Winston descobre os mecanismos visíveis e invisíveis do controle totalitário. Primeiro, percebe a falácia presente na idéia de que o sistema “zela” pelos indivíduos; depois identifica diversas estruturas de poder engendradas pela Ingsoc: a *Crimidéia*, a *Novilíngua*, a *Facecrime*, a *Proprívada*, o *Bempensante*, o *Crimedeter* e o *Duplipensar*.

Todos os indivíduos são treinados para o controle de seus pensamentos, policiando qualquer ideia contrária às origens do partido. Agindo assim, o indivíduo não incorrerá na tentação de cometer a *Crimideia*. A *Novilíngua*, por sua vez, constitui um novo idioma criado pelos lingüistas do sistema para estreitar a gama do pensamento³, tornando a *Crimideia* impossível, pois não haverá palavras para expressá-la. A *Facecrime* seria a revelação de pensamentos e *sentimentos* contrários à orientação do partido, capturada pela expressão facial, registrada pelas teletelas instaladas nos recantos públicos da cidade e nas salas das residências. A *Proprívada* representa o individualismo e a excentricidade que os indivíduos devem negar, deixando ao Grande Irmão o seu cuidado. O *Bempensante*, por sua vez, seria uma pessoa ortodoxa, obediente, que sabe a “verdadeira crença e a emoção desejada”, e que busca a “estupidez protetora”. Este desenvolve a faculdade de deter, de paralisar, como por instinto, no limiar, qualquer pensamento perigoso. Por fim, a capacidade de guardar

² ORWELL, George. 1984. São Paulo: Nacional, 1982. p.36.

³ Destruindo palavras. Assim, no lugar de “mau”, “imbom”; de “excelente”, “plusbom”; de “esplêndido”, “dupliplusbom”, e assim por diante.

simultaneamente duas crenças contraditórias e aceitá-las seria um processo consciente e inconsciente que representa uma fraude do pensar, que nega a realidade objetiva e percebe a realidade que se nega. Esta qualidade, tão valorizada pelo partido é o *Duplipensar*.

Orwell constrói uma ficção complexa e fantástica para discutir o *poder* pela perspectiva do controle totalitário. O autor demonstra com maestria a relação interdependente entre as microestruturas do controle, antecipando-se a Michel Foucault quanto à leitura dos mecanismos instituídos para o “vigiar” e o “punir”. O autor desnuda a dinâmica e o movimento dos processos de controle, percorrendo a dimensão subjetiva até a estrutura social (o partido, a guerra, o totalitarismo) representada na metáfora do Grande Irmão.

Mas como não existe controle absoluto, Winston se apaixona por Júlia, uma operária do Ministério da Verdade, e descobre que o partido abomina o amor sexual por considerá-lo um ato político: um momento de excentricidade, de autodireção, de *Proprivida*.



Fonte: <http://www.pop.com.br/mundopop/noticias/cinema/794163-Adaptacao-de-1984-de-George-Orwell-contrata-roteirista.html> . Acesso: 27 de maio de 2012

Posteriormente, Winston se aproxima de O’Brien, um membro do Partido Interno, que o alicia para que participe da resistência. Mas seu relacionamento com Júlia é descoberto e sua *Crimideia* revelada. Winston foi traído por O’Brien, pois para sua desgraça, este faz parte da equipe de repressão e espionagem do Mistério do Amor. Winston é preso juntamente com Júlia. Durante meses é submetido a torturas descomuns: fome, frio, solidão, violência física e psicológica. O’Brien, que se torna seu algoz, tenta convencê-lo de que estas ações

são necessárias para sua cura: é preciso que ele renuncie a *Crimideia* e a *Proprivida*. Após um longo período de tortura, Winston começa a ceder, e passa a duvidar da integridade de seus atos: talvez tenha sido egoísta..., talvez tenha corrompido seu caráter... Após um longo período de torturas e sofrimentos ouve de O'Brien palavras confortadoras: "Estás melhorando. Intelectualmente, não há quase nada de errado em ti... Só emocionalmente é que não progrides..."⁴

Pouco tempo depois Winston foi libertado e reencontra Júlia. Os *sentimentos* outrora vividos não foram totalmente destruídos, mas estão aniquilados em suas pulsões, como algo que se sente, mas que foi desfacelado pela dor, pelo medo e pela dúvida. A recuperação planejada surtiu o efeito desejado. A última barreira para o 'controle' foi vencida: "agora estava tudo em paz, tudo ótimo, acabara a luta. Finalmente lograra a vitória sobre si mesmo". Agora Winston ama o "Grande Irmão"⁵.

As últimas linhas da obra-prima de George Orwell encenam magistralmente a tristeza de Winston. Sentimos um aperto no peito. Uma dor seguida de um vazio existencial. Uma melancolia inesgotável. O final da trama é 'triste' e 'pessimista', marcado por um 'realismo' seco e quase insuportável. Mas para o autor importa principalmente seus insights: a "vitória sobre si mesmo" – uma metáfora acerca do autocontrole – só pode ser alcançada quando o *poder* estabelecido submete *mentes, corpos e sentimentos*. Eis o *poder invisível* que instaura a paz e que aniquila a luta!

⁴ *Ibid.*, p.261.

⁵ *Ibid.*, p.277.